



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Especialização em Gestão Pública Municipal
Campus Curitiba



DANIELLA NEVES DA SILVA

**A DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA, NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS -
SP.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA-PR
2012

DANIELLA NEVES DA SILVA



**A DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA, NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS -
SP.**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus Curitiba*, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal.

Profº Orientador Dr. Jorge Carlos C. Guerra, LD

CURITIBA-PR

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

A DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA, NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP.

por

DANIELLA NEVES DA SILVA

Esta monografia foi apresentada às **10:30** horas do dia **23** de **Novembro** de **2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal – Educação à Distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho _____.

Prof^a MSc Ana Cristina M. Magalhães
UTFPR – *Campus Curitiba*

Prof^o Jorge Carlos C. Guerra, LD
UTFPR – *Campus Curitiba*
Orientador

Prof^a Dra. Hilda Alberton de Carvalho
UTFPR – *Campus Curitiba*

Visto da Coordenação:

Prof^a Dra. Hilda Alberton de Carvalho
Coordenador do Curso de Especialização
em Gestão Pública Municipal

Dedico este trabalho a todas aquelas pessoas que deixam de estar com as suas famílias para exercerem a profissão mais sublime e dedicar parte do seu tempo a ensinar aqueles que acreditam num futuro melhor, os professores.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais José Luiz e Carmen, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Jorge Carlos C. Guerra, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me orientou e ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Gestão Pública Municipal, professores da UTFPR, *Campus Curitiba*.

Agradeço aos tutores presenciais Carmem, Valkiria e Regiane, e aos tutores a distância Sandra e Fernando, que me auxiliaram no decorrer deste curso de pós-graduação.

Agradeço também ao meu marido João Paulo e aos meus filhos Paloma, Yuri e Ana Beatriz, e a minha sogra Maria Cícera que me acompanharam e me apoiaram no decorrer deste curso e compreenderam o tempo que deixei de estar com eles para me dedicar a este trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos e todo corpo discente e docente da EE. Prof^o Jorge Barbosa Moreira, que me apoiaram no decorrer deste curso e todos os professores que dispuseram parte do seu tempo para me ajudar no estudo de caso.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Os professores não têm futuro. Eles são o futuro. E, sobretudo, você...” “Volte para dentro de si”. “Você encontrará na própria essência de seu projeto de ensinar as razões para não perder as esperanças nem no seu ofício, nem no mundo”.

(PHILIPPE MEIRIEU)

RESUMO

SILVA, Daniella Neves da. A Desmotivação do Professor em Sala de Aula, nas Escolas Públicas do Município de São José dos Campos - SP. 2012. 52 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Educação à distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

A educação pública vem sofrendo mudanças constantes no decorrer dos anos, desde a sua criação em 1549 até os dias atuais. Este trabalho tem o objetivo de investigar a desmotivação dos professores no Ensino Fundamental das escolas públicas de São José dos Campos, nos dias atuais, pois esta profissão vem sendo muito desvalorizada no decorrer dos anos pela sociedade e pelo governo. Muito se tem cobrado dos professores para que se tenha uma educação de qualidade, porém não se disponibiliza recursos e materiais para tal fim. A sociedade transfere para a escola deveres que seriam das famílias. Os baixos salários e as salas de aula superlotadas são também fatores que desmotivam esses profissionais e os afastam das salas de aula. A escola do século XXI, conta com o apoio da tecnologia, que se usada corretamente pode melhorar muito a qualidade da educação e a motivação de todos os envolvidos. A pesquisa realizada na EE. Prof^o Jorge Barbosa Moreira, no município de São José dos Campos, contou com a participação de 23 professores do Ensino Fundamental, que apontaram fatores desmotivantes, e também sugeriram algumas mudanças que se forem aplicadas podem melhorar a educação. Algumas políticas públicas voltadas para a escola e a sociedade precisam ser estudadas e aplicadas na educação básica para que todos – alunos e professores – possam se sentir motivados e trabalhem em conjunto para uma educação básica de qualidade.

Palavras-Chaves: Professores. Ensino Fundamental. Motivação.

ABSTRACT

SILVA, Daniella Neves da. *The Demotivation of the Classroom Teacher, Public Schools of the city of São José dos Campos - SP.* 2012. 52 f. Monograph (Specialization in Public Management Municipal) - Distance Education. Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2012.

Public education has been undergoing constant changes over the years, since its inception in 1549 until today. This study aims to investigate the motivation of teachers in elementary education from public schools in São José dos Campos, in the present day, because this profession has been much undervalued over the years by society and the government. Very charged without the teachers in order to have a quality education, but is not ready resources and materials for this purpose. The company transfers to a school that would be household duties. Low wages and overcrowded classrooms are also factors that discourage these professionals and away from classrooms. The school of the century, with the support of technology, which if used correctly can greatly improve the quality of education and motivation of all involved. A survey in EE. Prof^o Jorge Moreira Barbosa, in São José dos Campos, with the participation of 23 elementary school teachers, who pointed demotivating factors, and also suggested some changes that if implemented can improve education. Some public policies for schools and society need to be studied and applied in basic education for all - students and teachers - can feel motivated and work together for a quality basic education.

Keywords: Teachers. Elementary School. Motivation.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Crianças brincando no Programa Escola da Família..... | 27 |
| Figura 2 – Localização geográfica do município de São José dos Campos - SP..... | 34 |
| Figura 3 – Cidade de São José dos Campos - SP..... | 35 |
| Figura 4 – Feira do Jovem Empreendedor Joseense..... | 36 |
| Figura 5 – Sala superlotada – 45 alunos por sala de aula..... | 41 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Taxas de rendimento do município..... | 37 |
| Tabela 2 – IDEB – Metas Projetadas em São José dos Campos..... | 38 |
| Tabela 3 – IDEB – Resultados Alcançados em São José dos Campos..... | 38 |
| Tabela 4 – Matrículas, Docentes e Rede Escolar – São José dos Campos..... | 38 |
| Tabela 5 – Fatores que motivam os professores..... | 40 |
| Tabela 6 – Fatores que desmotivam os professores..... | 40 |
| Tabela 7 – Itens levantados pelos docentes sobre a educação atualmente..... | 42 |
| Tabela 8 – O que precisa ser melhorado na educação, na visão dos docentes..... | 42 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| Apeoesp | – Associação dos Professores do Estado de São Paulo |
| CEE/RS | – Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul |
| CTA | – Centro Técnico Aeroespacial |
| DCTA | – Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial |
| D.I. | – Deficiência Intelectual |
| HTPC | – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo |
| IBGE | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDEB | – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |
| MEC | – Ministério da Educação e Cultura |
| PBF | – Programa Bolsa Família |
| PGRH | – Programa de Gerenciamento de Recursos Humanos |
| Saresp | – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo |
| SEC/RS | – Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul |
| SEE/SP | – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo |
| Sinepe-PR | – Sindicato dos Estabelecimentos Privados de Ensino do Paraná |
| USEs | – Unidades da Secretaria da Educação |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Objetivo Geral..... | 12 |
| 1.1.1 Objetivos Específicos..... | 13 |
| 1.2 Metodologia..... | 14 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 2.1 A evolução da profissão no Brasil..... | 16 |
| 2.2 Motivação e desmotivação de professores no Ensino Fundamental..... | 18 |
| 2.3 Casos de sucesso em escolas públicas brasileiras..... | 25 |
| 2.4 Fatores de fracasso na implantação e gestão motivacional de professores do Ensino Fundamental..... | 28 |
| 3 METODOLOGIA | 24 |
| 4 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 34 |
| 4.1 Tipificação de São José dos Campos (SP)..... | 34 |
| 4.2 Desmotivação de professores de São José dos Campos (SP)..... | 38 |
| 4.2.1 A escolha da profissão..... | 39 |
| 4.2.2 Acúmulo de cargo..... | 39 |
| 4.2.3 Felicidade na profissão, sim ou não..... | 39 |
| 4.2.4 Professores motivados..... | 39 |
| 4.2.5 Professores desmotivados..... | 40 |
| 4.2.6 Treinamentos e qualificações..... | 41 |
| 4.2.7 A educação na atualidade..... | 41 |
| 4.2.8 Melhorias para uma educação de qualidade..... | 42 |
| 4.2.9 Relação com os alunos..... | 43 |
| 4.2.10 Programa Bolsa Família..... | 43 |
| 4.3 Sugestões para motivação dos professores(as) do Ensino fundamental..... | 43 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| REFERÊNCIAS | 48 |
| APÊNDICE | 51 |

1 INTRODUÇÃO.

A educação pública vem sofrendo fortes mudanças no decorrer dos anos, desde a criação da primeira escola em 1549, pelos Padres da Companhia de Jesus, onde a escola tinha presença marcante da igreja, e todos tinham que seguir um comportamento severo e rigoroso até os dias atuais.

Já a escola do século XXI, conta com a participação da tecnologia, que passou a dominar todos os espaços, causando muitas vezes problemas entre a interação do aluno e professor, pois transforma o aluno em um ser humano individualista. A tecnologia, se usada incorretamente causa o individualismo do ser humano e é contra isso que devemos lutar, pois devemos buscar meios de unir a tecnologia com a educação, para termos uma educação de qualidade e eficiente.

Os professores das escolas públicas vêm se desmotivando a cada dia que passa, devido a vários problemas que ocorrem dentro das salas de aula, tais como violência, desrespeito, desinteresse por parte dos alunos e desvalorização por parte do governo e da sociedade. O governo, que deveria valorizar este profissional tão importante para todos nós, visto que para termos uma profissão precisamos passar primeiramente pela sala de aula e aprender com este profissional.

É preciso que sociedade, escola e governo se unam para formar cidadãos, cada um fazendo a sua parte sem desvalorizar o trabalho um do outro.

A educação básica nas escolas públicas estaduais de São José dos Campos (SP) é desvalorizada a cada dia, pelo governo e pela sociedade, em geral. A sociedade acha que os professores são responsáveis por toda a educação das crianças, quando parte dela já deveria vir de casa. E o governo não disponibiliza melhores condições de trabalho para este profissional, não o estimula a se dedicar completamente para a educação das crianças.

Muitos profissionais que deveriam ser sinônimo de exemplo a ser seguido por toda a sociedade, estão cada vez mais desanimados com a educação pública, pois não são reconhecidos como deveriam, não têm condições adequadas para trabalhar, sofrem violências e desrespeito nas salas de aula e até muitas vezes na própria sociedade. Muitos até deixam de lecionar para irem procurar em outra profissão a valorização e o respeito que merecem e deveriam ter nas escolas.

Outro fator que desmotiva os professores é o desinteresse das famílias, que mandam seus filhos para a escola, muitas vezes, somente porque precisam ter sua frequência registrada

para o recebimento de algum benefício do governo, como o Programa Bolsa Família ou para terem um diploma no fim do curso. Pois com a Progressão Continuada, os alunos sabem que, de qualquer maneira, dentro dos ciclos da progressão, eles serão aprovados.

Nos últimos anos, muito se ouve falar sobre o desrespeito para com o professor dentro das salas de aula, chegando muitas vezes até ameaças e a violência propriamente dita, contra este profissional, que está ali somente para ensinar.

Eu sou secretária em uma escola estadual na cidade de São José dos Campos há mais de 3 anos e o que me motivou a escrever sobre este problema foi o que eu vi e ouvi durante esse tempo, dos pais e dos professores. De um lado, alguns pais entregando seus filhos para a escola educar e outros brigando pela presença dos filhos para que não perdessem algum benefício do Governo Federal. E de outro lado, professores desmotivados com o descaso e o desrespeito da sociedade e do governo.

Este trabalho tem o propósito de apresentar melhorias para a educação pública, fazendo com que o professor tenha novamente o prazer de ensinar e não precise acumular cargos para poder sobreviver, buscando sempre trabalhar em conjunto com a sociedade e com a valorização desta profissão por parte do governo.

1.1 Objetivo Geral.

Investigar a desmotivação, em sala de aula, dos professores no Ensino Fundamental das escolas públicas de São José dos Campos (SP).

1.1.1 Objetivos Específicos.

- Levantar como era a educação, no Ensino Fundamental, as mudanças que aconteceram ao longo do tempo e seus impactos na desmotivação de professores do Ensino Fundamental;
- Elencar e citar bibliografias e artigos, que evidenciem a desmotivação de professores (as) do Ensino Fundamental no Brasil;
- Avaliar a motivação dos (as) professores (as), de Ensino Fundamental, dentro das salas de aulas em São José dos Campos (SP);
- Propor melhorias para motivar professores (as) do Ensino Fundamental, em São José dos Campos (SP).

1.2 Metodologia.

O Estudo de Caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Yin define “estudo de caso” com base nas características do fenômeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos. (YIN, 1994).

Também serão utilizadas pesquisas bibliográficas, livros e sites específicos.

A coleta de dados terá como base um questionário qualitativo que será respondido por professores de uma determinada escola da rede estadual de ensino do município de São José dos Campos - SP, trazendo informações como: condições reais e atuais de trabalho, situações que motivam e desmotivam este profissional, sugestões para a melhoria da educação.

O presente trabalho contará com seis capítulos. O capítulo 1 vai apresentar um resumo da evolução da profissão, seguido da identificação do problema bem como os objetivos geral e específicos, justificando os motivos e embasamentos teóricos, que levaram a elaboração desta monografia.

No capítulo 2 será apresentada a história da profissão “professor” mostrando todo o seu desenvolvimento desde o início até os dias atuais, avaliando como o governo e a sociedade desvalorizam tanto este profissional que é tão importante para a sociedade.

Apresentar o que motiva e desmotiva esse profissional, nas salas de aula do Ensino Fundamental, nas escolas públicas, sendo que parte desta desmotivação está na desvalorização do ensino, que leva os alunos para dentro das salas de aula, somente para ter sua presença confirmada e passar de ano pela Progressão Continuada ou ter direito a receber benefícios do governo.

Descrever casos de sucesso que foram escolhidos devido ao sucesso que têm feito nas escolas e os benefícios que eles trouxeram para todos, como a motivação de alunos e professores, disciplina dos alunos dentro das salas de aula e a valorização dos principais atores envolvidos, professores e alunos.

O capítulo 3 vai mostrar porque o professor do ensino fundamental escolheu esta profissão, como ele está dentro da sala de aula atualmente, informando qual a sua perspectiva para o futuro, assim como o que os novos professores que estão chegando esperam da educação pública.

As considerações finais serão apresentadas no capítulo 4, onde veremos os objetivos atingidos e sugestões para a melhoria da educação básica nas escolas públicas de São José dos Campos(SP).

Por fim, serão apresentar as referências bibliográficas utilizadas para a realização deste trabalho e o questionário aplicado para os professores da EE. Profº Jorge Barbosa Moreira, no município de São José dos Campos, no estudo de caso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO.

A seguir será apresentado como se deu a evolução da profissão “professor” no Brasil, desde a primeira escola criada em 1549 pelos padres até os dias atuais, onde muito se cobra dos professores e pouco é oferecido para que se tenha uma educação pública de qualidade e profissionais capacitados e motivados.

2.1 A evolução da profissão “professor” no Brasil.

“A vida escolar apresenta os mesmos grandes traços das carreiras nas grandes burocracias públicas e privadas para onde se destinam os frutos da escola” (Motta, 1986).

No Brasil, a primeira escola foi criada em 1549, pelos padres da Companhia de Jesus, nesta época o ensino era tradicional, de caráter religioso e normativo, visto que a presença da igreja era marcante, permanecendo assim por aproximadamente 383 anos. O professor era severo, rígido e rigoroso, encarregado de transmitir um saber absoluto e inquestionável. A metodologia se configurava na exposição oral dos conteúdos feitos pelo professor. E a avaliação era única, contemplando questões que enfatizavam a memorização, a repetição e a exatidão (Hamze, 2012).

Em 1930 sob a influência da psicologia da educação, surgiu a escola nova, onde o professor era um ser ativo e participante, que colocava o aluno como protagonista principal do processo de ensino/aprendizagem, levando em consideração seus interesses e suas experiências de aprendizagem. Cabia ao docente desenvolver uma atitude de interação mais voltada para o aluno, sempre atento às suas necessidades. O processo educativo se caracterizava pela busca da transformação social (Hamze, 2012).

Por volta dos anos de 1960, após várias pesquisas realizadas na área da educação, notou-se que a presença feminina era uma característica marcante no exercício do magistério primário, o que por sua vez desencadeava para uma desvalorização da profissão, visto que a cultura era extremamente masculina e machista (Hamze, 2012).

Em 1964, teve início a Escola Tecnicista, quando o modelo americano foi instituído no Brasil. Com este modelo o aluno era impedido de criar e pensar, impediu-se a expressão dialética. Tudo na escola era comandado pelos militares que detinham o poder na época, sendo anunciados padrões e métodos educacionais diferenciados nas formas de ensinar.

Foram instalados recursos audiovisuais como suporte pedagógico, onde a instrução era programada e o ensino individualizado (Hamze, 2012).

A Escola Crítica veio aparecer em 1983. Neste modelo o professor era o educador que orientava com a participação do aluno, enfatizando-o como cidadão, era o aluno que construía e reconstruía a história. Havia interação entre professor e aluno, com enfoque na construção e reconstrução do saber (Hamze, 2012).

No século XX, contava-se com um professor para cada classe, cabendo a este docente transmitir aos alunos toda a cultura construída ao longo dos anos de colonização. Este modelo foi identificado como Escola Tradicional, porém ao passar do tempo, este modelo também se tornou inadequado, iniciando-se um novo modelo denominado Pedagogia Nova. Este novo modelo visava à adaptação e integração de todas as pessoas, sem preconceito, devendo-se respeitar e aceitar as diferenças. Este modelo também não continuou, pois focalizava somente um dos atores envolvidos no processo educacional.

Segundo Hamze (2012), o século XXI trouxe para a educação a tecnologia, que passou a dominar todos os espaços, impedindo muitas vezes a interação entre professor e aluno, pois com o uso indevido da tecnologia há a individualização do ser humano e é contra isso que se deve lutar, é necessário buscar meios de unir a tecnologia com a educação, sem que alunos e professores se fechem para um mundo solitário. A Internet passa a fazer parte da realidade do mundo acadêmico e, rapidamente, vai se despontando como importante elemento de conexão entre equipamentos e, com isso, introduzindo novas formas de se produzir conhecimento e cultura (Pretto, 1997).

De acordo com a Constituição Federal de 1988, Artigo 205 e a Lei nº 9.394/96, Artigo 2º (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a educação é um direito de todos e é um dever da família e do Estado, e tem o objetivo de “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Ser educador é sinônimo de compromisso, responsabilidade e, principalmente, desafio quando se trata de contribuir com o desenvolvimento das capacidades intelectuais do educando, interagindo constantemente através de práticas educativas concisas e construtivas buscando sempre a melhor maneira de transmitir o conhecimento à formação desse docente.

A profissão docente é muito desafiadora, pois está em constante mudança. O docente deve manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino, que devem ser oferecidas através de cursos ministrados pelo governo e junto a isso, desenvolver práticas pedagógicas eficientes.

É necessário que se faça uma revisão da função e da importância do papel docente na construção da história e na formação sociocultural de uma nação. Como já disse o imperador Dom Pedro II: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro”.

A profissão docente é uma das que mais teve aumento de tarefas nos últimos anos, pois além de ensinar conteúdos da área para o qual foi preparado, o professor tem que lidar com conteúdos para os quais não tem nenhuma capacitação. O docente depara-se com uma realidade diferente da qual foi preparado.

Ana Leda Barreto analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, sob forte crítica da comunidade acadêmica nacional, já reforçava a necessidade de uma sólida formação dos profissionais da educação, como sendo básica para a transformação do sistema educacional. Segundo ela,

Não é mais possível em mais uma proposta de governo ser "esquecida" a obrigação dos dirigentes da nação com a formação sólida e continuada dos principais formadores de mentalidade do país. Tal esquecimento nos faz pensar que a desqualificação das professoras e professores foi e é um dos mecanismos 'para mantê-los fracos e disponíveis a manobras e conchavos político-burocráticos' (Arroyo, 1985, p. 9) formando outros cidadãos e cidadãos fracos e disponíveis às mesmas manobras e conchavos (Barreto, 1996, p. 4).

É preciso formar os professores de acordo com a nova realidade, utilizando-se da tecnologia, conhecendo os novos elementos que fazem parte da realidade dos jovens e adolescentes.

Esta transformação não é apenas um aperfeiçoamento do sistema educacional. Ela exige uma transformação profunda, impondo, conseqüentemente, a implantação de políticas educacionais coerentes com as transformações da sociedade, como um todo e não simplesmente articulados com uma perspectiva de modernização do sistema (Pretto, 1997).

2.2 Motivação e desmotivação de professores no Ensino Fundamental.

Segundo Ryan e Deci (2000), a motivação humana foi dividida, tradicionalmente, em dois pólos, intrínseco e extrínseco sendo, no primeiro caso, o comportamento motivado pela atividade em si ou pela satisfação dela decorrente. Em contraposição, a motivação extrínseca ocorre em situações nas quais a atividade é percebida como meio para alcançar eventos externos desejáveis ou para evitar outros indesejáveis. A motivação intrínseca está relacionada ao interesse da própria atividade, que tem um fim em si mesmo e não como um

meio para outras metas. Já a motivação extrínseca está relacionada às rotinas necessárias ao longo da vida.

Segundo Bettina (2007), “a motivação é um processo que engloba motivos intrínsecos e extrínsecos de cada pessoa, motivos esses construídos nas inter-relações sociais, desde a infância, e que acabam se efetivando na intrapessoalidade. Dessa forma, a cada nova situação vivenciada, novos motivos poderão ser construídos. Por isso, entender a motivação em cada pessoa é, antes de tudo, perceber e entender o ser humano com características e subjetividades próprias, é conceber o desenvolvimento e a aprendizagem como um processo que acontece ao longo da vida de cada um”.

Dessa forma, a motivação envolve uma ação conjunta entre fatores externos tais como estímulo e incentivo, como também, fatores internos que englobam a auto-realização e o desejo do indivíduo de renovar-se e reciclar seu potencial.

No processo ensino-aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos. Quanto a isso, Fita (1999) explica que muitas vezes para o aluno ter motivação em aula é importante ter um bom professor. Ouve-se dizer também, que um bom professor é aquele que sabe motivar seu aluno.

De acordo com esse posicionamento, Huertas (2001) salienta que toda motivação deve estar relacionada a metas e objetivos, portanto, um bom professor possui metas de ensino, o que tornará o aluno motivado a aprender.

Huertas (2001) afirma ainda que as metas são desencadeadoras da conduta motivada, formam parte do núcleo imprescindível para considerar uma ação como motivada ou não. Portanto, sem desejos e metas, não há motivação. No entanto, para haver aprendizagem é preciso haver a motivação.

O papel do professor, segundo Huertas (2001), não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles do processo de formação. Frente a essa idéia, o professor influenciará o aluno no desenvolvimento da motivação para a aprendizagem.

Para Meirieu (2006) “tornar-se professor é, de fato, investir no futuro. Pois significa trabalhar, cotidianamente, as aprendizagens. Seria realmente um grande equívoco perder as esperanças no futuro quando na verdade todo o trabalho docente consiste em convencer cada aluno de que, contra qualquer fatalidade, existe a possibilidade de um futuro diferente para ele. Um futuro no qual, desde que tenha êxito na aprendizagem, ele poderá compreender-se melhor e compreender o mundo: assumir, prolongar e assim subverter a própria história”.

É parte da função do professor preparar os alunos para um futuro melhor e, como profissional, este deve se sentir orgulhoso quando vê os jovens aprendendo. Entretanto a responsabilidade de educar não cabe somente a ele. A família e este profissional devem compartilhar e providenciar juntos a educação global (valores, hábitos de higiene, experiências e etc.) do jovem de hoje. A relação entre a escola e a família deve ser de reconhecimento mútuo e respeito. Reconhecer significa sair dos limites e abrir-se para novas possibilidades.

O governo defende que a educação é imprescindível para o cidadão, mas na prática a deficiência é vista cotidianamente, a educação em si é muito desvalorizada e com ela também o papel do professor.

A desmotivação dos professores vem desde os baixos salários, o desinteresse dos alunos, a falta de estrutura, até a falta de interesse dos pais dos alunos e a sociedade que transferiram algumas de suas responsabilidades para a escola. Existem ainda muita agressividade e violência no ambiente escolar, de alunos que não respeitam os professores, não obedecem as suas ordens, desafiando sua autoridade, entre outros.

A indisciplina escolar é percebida pelos professores de maneira variada e compreende uma série de situações como: faltar com respeito com os colegas e professores, descumprir regras pré-estabelecidas, ter mal comportamento, ser malcriado, perturbar o trabalho dos colegas, fazer barulho, provocar desordens, falar o tempo todo, atrapalhar o funcionamento das aulas, não ser pontual, etc.

Cunha (1999) assinala três pontos para a desmotivação do docente: “desvalorização do magistério, relacionada com a questão salarial; a estrutura do ensino, determinada pelo modelo de escola da legislação contemporânea e as condições de trabalho, como espaços físicos e materiais didáticos, que impossibilitam um ensino de melhor qualidade”.

Para Ryan (2004), a ausência de motivação autônoma dos estudantes gera, em contrapartida, comportamento controlador por parte dos professores. Em ambientes nos quais a atenção individualizada é quase impraticável, como em salas de aula numerosas, onde os professores são pressionados para que seus alunos alcancem melhores resultados, que conteúdos planejados devam ser cumpridos em prazos determinados, entre outros aspectos, leva os educadores a buscar alternativas para estimular os alunos, geralmente por meio de estratégias controladoras, o que acaba gerando um desconforto entre aluno e professor, causando a desmotivação de ambos.

A falta de motivação também está relacionada ao grande número de alunos nas salas de aula, que estão cada vez mais cheias. Esse acúmulo de crianças nas salas de aula gera uma desmotivação também nos alunos. São muitas as crianças por sala, o que impossibilita os professores de dar atenção a todas elas.

Muitos professores estão desmotivados com o método de ensino e com a receptividade de seus alunos. O docente alega que estar na escola hoje, para uma criança sadia e cheia de energia, é algo cansativo e desgastante. Pozo (2002) diz que “na aprendizagem é preciso procurar sempre um motivo” e o que esses professores relatam é que os alunos não o estão encontrando.

Uma pesquisa realizada pela Revista Nova, com 500 professores das redes públicas municipais, estadual e federal, no ano de 2007, mostrou que os principais problemas encontrados no dia-a-dia dentro das salas de aula, são: a não participação dos pais no dia-a-dia da escola, a desmotivação dos alunos, a indisciplina dentro da classe e os baixos salários.

A sociedade em que vivemos tem uma parcela de culpa pelo fracasso da educação no país. Esta sociedade está cada vez mais consumista e imediatista, e a mídia dá um valor absurdo à fama, poder e dinheiro, tirando o foco da importância da educação para as pessoas.

As crianças chegam cada vez mais desmotivadas nas escolas. Elas preferem ficar em casa para assistir TV ou brincar, do que ficar dentro de uma sala de aula a tarde toda sentada e escrevendo.

As duas instituições mais importantes para a criança e para o adolescente são a escola e a família, porém cada uma com sua obrigação. Essas instituições têm em comum o fato de ter que preparar as crianças para sua inserção na sociedade possibilitando sua continuidade na vida social. Elas são os primeiros espelhos e os primeiros mundos onde aprende-se tudo sobre a vida.

A escola, entretanto, tem a sua obrigação que é a de ensinar conteúdos específicos e fundamentais para a instrução das crianças e jovens. Já a família tem obrigação de dar carinho e manter um lar acolhedor e cheio de amor, porém ensinando a ter respeito pelo próximo. Mas não é o que acontece muitas vezes, devido a muitos problemas como por exemplo, uma família pobre onde todos precisam trabalhar e ficam sem tempo para os filhos, acabando por transferir para a escola a obrigação que é da família. Paro (1999), acredita que é importante o oferecimento de condições mínimas de participação e representação dos pais nas escolas.

A incidência de comportamentos agressivos entre alunos e a impaciência dos professores diante de suas dificuldades (Ceccon, Oliveira & Oliveira, 1997), tem suas origens

na falta de recursos materiais e de condições de trabalho, acúmulo de exigências que levam à sobrecarga, o encontro com uma prática distante dos ideais pedagógicos assimilados durante o período de formação. Esses fatores incidem diretamente sobre a ação docente, gerando tensões em sua prática cotidiana e que não são apenas questões de cunho pessoal (Esteve, 1999).

A falta de segurança nas escolas públicas, principalmente as situadas nas periferias têm afastado diversos profissionais das escolas. Constantemente a mídia expõe esses casos de violência e agressividade no ambiente escolar, onde os alunos não têm respeito pelos professores, desafiam sua autoridade, depredam a escola, usam drogas, entre outros problemas.

De acordo com pesquisas relatadas por Bzuneck (2000), Hoy e Davis (2006) e Tschannen-Moran, Hoy e Hoy (1998), a auto-eficácia tem relação com a motivação, o esforço e a persistência dos professores frente aos desafios e limitações próprias do contexto de ensino. Aqueles que possuem um elevado nível de auto-eficácia são abertos a novas idéias e mais propensos a buscar novos métodos e abordagens mais eficazes para a aprendizagem dos estudantes. Desta forma, são menos críticos face aos erros dos estudantes e se empenham para que estes superem as suas dificuldades. Em última instância, portanto, a auto-eficácia docente exerce considerável impacto sobre os comportamentos tanto de professores como dos alunos. Por outro lado, professores que apresentam baixos níveis de auto-eficácia consideram o trabalho como algo inútil, chegando à beira do desânimo total.

Bzuneck (1996) enfatiza que quem pretende influenciar a motivação ou mudar o comportamento de um professor na direção de um ensino mais eficaz, deve partir da identificação de seu sistema de crenças.

A auto-eficácia do professor afeta sua motivação, dedicação e envolvimento no trabalho, satisfação organizacional, além de maior motivação dos alunos para aprender e para o uso de estratégias eficazes de estudo. A eficácia é um pré-requisito para a motivação dos professores. Por isso, essa variável deve fazer parte das medidas a serem cultivadas no docente para uma melhor qualidade nos resultados educacionais e para o próprio bem-estar dos docentes.

O professor não pode se sentir desamparado dentro do ambiente escolar, é importante que ele tenha condições físicas e materiais para trabalhar, e seja constantemente informado sobre o rendimento do seu trabalho, para que seja capaz de dar conta dos desafios no ambiente

educacional. Quando o docente se sente apoiado e valorizado, o seu desempenho em sala de aula melhora.

Para Jesus (1989), “há necessidade de um novo sentido para a escola, fundamentado num quadro teórico adequado para análise de suas funções e dos seus objetivos, visando um aperfeiçoamento da comunicação e para um sentido pessoal e interpessoal da mesma, permitindo o desenvolvimento humano através das relações interpessoais agradáveis para os agentes mais diretamente envolvidos na educação escolar, os professores e alunos”.

Se o professor está desmotivado, o rendimento e a qualidade do seu trabalho tendem a diminuir, causando queda na sua produtividade e, conseqüentemente fragiliza a aprendizagem do aluno. Jesus (2004) “aponta que é relevante se pensar em novos paradigmas educacionais onde se reestude o modelo escolar atual e se leve em conta as limitações e o bem-estar tanto do professor quanto do aluno”.

É importante preparar muito bem a aula, utilizando se necessário, de tecnologias para cultivar a atenção dos alunos, cuidar do ambiente de trabalho, ou seja, a sala de aula. Organizar as carteiras para ter uma boa comunicação e ser firme nas suas indagações e nos seus propósitos, para que todos entendam o que podem esperar do professor e o que o professor pode esperar dos alunos. É necessário que todos tenham um papel importante dentro da sala de aula.

A educação deve ser pensada, incluindo três fatores importantes que precisam ser trabalhados em conjunto: escola, família e condição social e cultural, para que o ensino possa ser equilibrado e o peso da responsabilidade saia de cima do professor, que com certeza, irá trabalhar melhor, fazendo o que ele se preparou para fazer.

É necessário mudanças na gestão de políticas públicas no Brasil, para que os processos educativos aproveitem as novas tecnologias, e os serviços oferecidos tenham qualidade; os currículos precisam ser readaptados de acordo com a realidade social, para que assuntos atuais e necessários sejam abordados dentro das salas de aula e os alunos possam sentir interesse nas aulas e sair preparados para o mundo.

Não se pode pensar em qualidade da educação básica sem pensar na melhoria das condições de trabalho dos professores, as quais incluem medidas a serem adotadas em nível das políticas educacionais como: valorização profissional e salários mais dignos que permitam uma formação constante; maior investimento por parte dos governos em recursos humanos capacitados e infra-estrutura para as escolas; no nível da escola, um projeto político pedagógico conectado ao trabalho em sala de aula e maior acompanhamento por parte das

famílias; no que concerne à sala de aula, métodos pedagógicos mais apropriados à aprendizagem dos alunos.

Czekster (2007) esquematizou, conforme tabela abaixo, alguns pontos-chaves que diz respeito à gestão educacional presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Plano Nacional de Educação:

| GESTÃO DE OPERAÇÕES | GESTÃO DE PESSOAS |
|--|--|
| Revisão da organização didático-pedagógica e administrativa do ensino noturno, de forma a adequá-lo às necessidades do aluno-trabalhador. | 20 a 25% da carga horária para preparação de aulas, avaliações e reuniões. |
| Ensino especial preferencialmente na rede regular de ensino, amparado por especialistas da saúde e dependente da colaboração de diferentes órgãos do Poder Público, inclusive em termos de recursos. | Em cinco anos, 50% dos diretores com formação específica em nível superior em administração escolar. |
| Repasse direto de recursos às unidades escolares para desenvolver o essencial de sua proposta pedagógica e para despesas de seu cotidiano. | Avaliação periódica da qualidade de atuação dos professores. |
| Destinação de recursos para as atividades-fim, descentralização, autonomia da escola, a equidade, o foco na aprendizagem dos alunos e a participação da comunidade. | Plano de carreira do magistério. |
| Assegurar a autonomia pedagógica e administrativa das escolas e ampliar sua autonomia financeira. | Salário competitivo com outras ocupações que requerem nível equivalente de formação. |
| Normas e diretrizes gerais desburocratizantes e flexíveis, que estimulem a iniciativa e a ação inovadora das instituições escolares. | Sistema de colaboração entre as secretarias de educação e as instituições de ensino superior para manter programas de formação continuada. |
| Aperfeiçoar o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, ação coordenada entre entes federativos. | Sistema de promoção por mérito e afastamento periódico para estudos. |

Quadro 1 – Políticas públicas de gestão educacional na legislação vigente.

Fonte: CZEKSTER, Michele D. V. Sofrimento e Prazer no Trabalho Docente em Escola Pública. Porto Alegre, 2007.

É importante que o docente motive seus alunos e procure fazer de suas aulas um atrativo que os motive a aprender. Segundo Tapia (1999) é importante para as crianças aprenderem algo que faça sentido, como por exemplo, descobrir, por trás das palavras que se constroem significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que se deseja aprender.

Anísio Teixeira (1999) propôs uma súmula de providências para superar a crise na educação, se destacando entre elas:

- Descentralizar administrativamente o ensino, para que a tarefa se torne possível, com a distribuição das responsabilidades pela execução das medidas mais recomendáveis e recomendadas;
- Mobilizar recursos financeiros para a Educação, de forma a obter deles maiores resultados. Sugerimos a constituição, com percentagens previstas na lei magna da

República, de fundos de educação – federal, estaduais e municipais; estes fundos, administrados por conselhos, organizados com autonomia financeira, administrativa e técnica e todos os poderes necessários para a aplicação dos recursos, inclusive no pagamento de empréstimos e planos de inversões e dos quadros do pessoal e do magistério locais (com tabelas de vencimentos locais), permitindo, assim, a adaptação da escola às condições econômicas de cada localidade;

- Estabelecer a continuidade do sistema educacional, com a escola primária obrigatória, o ensino médio variado e flexível e o ensino especializado e superior, rico e seletivo;
- Prolongar o período escolar ao mínimo de seis horas diárias, tanto no primário quanto no médio, acabando com os turnos e só permitindo o ensino noturno como escolas de continuação, para suplementação da educação;
- Alterar as condições de trabalho do professor, proporcionando-lhe novas bases de remuneração, para não lhe reduzir o período de influência aos escassos minutos de aula. Toda educação é influência de uma pessoa sobre outra, demanda tempo, e nas condições atuais não há tempo para se exercer tão imprescindível influência;
- Eliminar todos os modelos e imposições oficiais que estão a produzir efeitos opostos aos previstos, servindo até como justificativa para o mau ensino – como é o caso dos programas oficiais, dos livros didáticos aprovados e do currículo rígido e uniforme.

2.3 Casos de sucesso em escolas públicas brasileiras.

Os casos de sucesso apresentados neste trabalho foram escolhidos devido ao sucesso que têm feito nas escolas e os benefícios que eles trouxeram para todos, como a motivação de alunos e professores, disciplina dos alunos dentro das salas de aula e a valorização dos principais atores envolvidos, professores e alunos.

Um exemplo de sucesso vem da Escola Estadual Municipalizada Corrégio de Castro, localizada em São Pedro do Triunfo, no Estado do Rio de Janeiro, que conta com projetos bem planejados, bem pensados e aplicados, que se juntam a educadores capacitados, determinados e empenhados, tudo isso só pode ser um sucesso.

Várias atividades complementares são oferecidas nos horários extras, ocupando um espaço de tempo geralmente ocioso aos alunos da escola de outros estabelecimentos de ensino. Capoeira, Oficina e Grupo de Teatro, Aulas de Desenho e Pintura. Participação na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, na Olimpíada Brasileira de Astronomia e na Olimpíada de Língua Portuguesa, Concurso Nacional de Cartazes, essas são algumas das atividades que fizeram da escola um espaço diferenciado e adorado pelos alunos que não querem nem voltar para casa. E o mais importante é que essas atividades refletiram na aprendizagem e nas ocorrências disciplinares.

Outro exemplo de sucesso foi em uma escola da periferia de São Paulo, onde os alunos invadiam a quadra, pulando o muro para jogar bola todo fim de semana, mesmo sabendo que era proibido e que poderia haver punições. Porém as punições nunca aconteciam, e o que os alunos estavam aprendendo com isso era que podiam transgredir as normas, pois sabiam que não haveria consequências. Ou seja, na escola não se aprende somente conteúdos programáticos, mas também atitudes, valores e sentimentos.

Para resolver este problema e ao mesmo tempo, dar responsabilidade aos pais e alunos desta comunidade, a diretora permitiu o uso da quadra durante os finais de semana, desde que os pais fossem os responsáveis pelo cuidado com as dependências da escola. A chave do portão externo era entregue na sexta-feira à tarde e devolvida na segunda-feira de manhã, com a quadra devidamente limpa. O trato foi cumprido por ambas às partes, e os jovens e seus pais tinham a escola como um ponto de encontro especial. Organizaram-se desde campeonatos de futebol, vôlei até churrascos e feiras de artesanato. E todos aprenderam o sentido da responsabilidade e do respeito.

Nas escolas estaduais do Estado de São Paulo existe o Programa Escola da Família, onde a instituição é aberta aos finais de semana, com diversas atividades, desde aulas de reforço e Língua estrangeira, esportes até bazar da pechincha. Os responsáveis pelas atividades são alunos do Ensino Superior, que não tem condições de pagar uma mensalidade e trocam seus serviços no fim de semana pela bolsa até a conclusão do curso.

Este programa tem dado certo e trazido muitas famílias para dentro das escolas nos finais de semana, como um ponto de encontro onde elas podem participar da vida dos seus filhos e também contribuir com a escola, ajudando de alguma forma.



Figura 1 - Crianças brincando no Programa Escola da Família

Fonte: <http://www.mundodastribos.com/escola-da-familia-calendario-2012.html> (2012)

Em uma escola do Paraná, a seleção de alunos é uma medida adotada pela escola, chamada de regime especial. Para o aluno ingressar nesta escola ele passa por uma análise, sendo os critérios para ingresso primeiramente a idade e depois a avaliação do currículo. Somente os alunos com as melhores notas são matriculados e nota-se constantemente a presença dos pais para acompanhar os seus filhos.

Na escola de Santa Catarina, não há seleção de alunos, mas eles entram no 1º ano do Ensino Fundamental, onde permanecem até o 9º ano. Os pais procuram sempre estar presentes na escola para dividir as responsabilidades com os gestores, pois valorizam a ação escolar. Esse fato acaba por contribuir para resultados positivos, tanto para as crianças como para a escola. Figueiredo (2010) pontua muito bem quando se refere que a escola consegue provar que é bem sucedida e mantêm a qualidade no ensino, pela permanência dos alunos.

Nestas duas escolas, um dos fatores relevantes para o sucesso escolar está na escolaridade dos pais, onde a maioria possui ensino superior completo. Isso se revela como um fator muito importante para o desempenho do aluno, pois eles chegam em casa e não se sentem sozinhos, diferente do que acontece com os alunos das classes populares como coloca Lahire (2008).

Estas duas escolas procuram proporcionar atividades extracurriculares aos seus alunos, como: esportes, idiomas, danças, aulas de artes, natação, música, etc. Assim, eles passam mais tempo na escola, tendo uma melhor integração com os colegas, além de fazer com que eles estejam mais presentes no espaço escolar, proporcionando um ambiente agradável e um

aprendizado através de outras atividades, fato este que influencia no sucesso destas escolas. Além disso, elas têm algo em comum, as duas foram destaques no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, avaliações externas realizadas pelo MEC em 2009 e vêm obtendo bons índices desde 2007.

As políticas educacionais devem levar em consideração as dimensões e/ou fatores que contribuam para a qualidade de ensino e que possam oportunizar a ampliação para outras escolas públicas que têm dificuldades de alcançar este índice ou outro tipo de avaliação, conforme Andrade e Raitz (2012).

2.4 Fatores de fracasso na implantação e gestão motivacional de professores do Ensino Fundamental.

O “fracasso escolar” não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar” (Charlot, 2000).

A partir de 2010, começou-se a contratação de professores temporários, submetidos a um contrato por tempo determinado, sem registro em carteira. Esses professores são chamados a partir do 1º dia de aula do ano letivo, sendo dispensados no último dia letivo do ano corrente, permanecendo sem vencimentos até o início de um novo contrato. Isso gera um alto índice de rotatividade de professores nas escolas, gerando muita desmotivação pelo exercício de uma função efetiva, porém sem os direitos do cargo.

Também em 2010, o governo iniciou um Programa de Valorização por Mérito, onde os professores podem receber um aumento de salário se obtiverem as notas necessárias em uma avaliação que é aplicada anualmente pela Secretaria da Educação. Mas o pior de tudo é que nem todos os professores que conseguem obter as notas, têm o aumento, pois a promoção se dá apenas para 20% dos melhores classificados por ano. E para participar dessa avaliação, leva-se em conta a vida profissional do professor, a sua assiduidade e o tempo de permanência em uma mesma escola, além do desempenho na prova, ou seja, muitos professores que são estáveis, mas não são efetivos e os contratados não podem participar, pois todo ano eles mudam de escola, não obtendo o tempo mínimo de permanência em uma mesma unidade escolar, outro fator desmotivante.

Com o objetivo de minimizar o impacto do encolhimento salarial, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEC/RS) criou, em 1996, o Programa de Gerenciamento de Recursos Humanos (PGRH) que tem por finalidade principal a otimização da utilização dos profissionais da educação, não deixando de considerar as regras estabelecidas pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (CEE/RS). Esse programa estabelece o número máximo de alunos em sala de aula: da 1ª à 4ª série – 30 alunos; da 5ª à 8ª série – 35 alunos e para o Ensino Médio – 50 alunos. Porém, um índice de bastante impacto que vem crescendo e não é contabilizado no cálculo do programa: as faltas eventuais dos professores e licenças, principalmente as licenças por motivo de saúde.

Em 1996, as redes de ensino começaram a adotar o método de ensino por ciclos, chamada de progressão continuada. Neste método de ensino não está prevista a repetência dentro do ciclo de ensino que dura mais de um ano. No Estado de São Paulo, 99 de cada 100 escolas oferecem este tipo de ensino.

Muitas famílias e professores acreditam que a progressão continuada é uma queda no ensino e que a reprovação é uma forma de incentivo aos alunos. Para a progressão continuada funcionar, é importante que a escola trabalhe em conjunto com as famílias, o que não tem ocorrido, ficando difícil para o professor trabalhar sozinho.

A política da progressão continuada, como está sendo realizada, reforça ainda mais as dificuldades dos alunos, desestimulando o estudo e estimulando a indisciplina, já que não existe argumento para convencer o aluno indisciplinado sobre a importância do estudo e da realização de atividades, pois ele sabe que vai ser promovido dentro do ciclo.

Para muitos docentes, junto com a progressão continuada, veio a redução de cobrança sobre o aluno, contrastando com a crescente cobrança sobre o professor, tornando seu trabalho mais árduo e desgastante. A progressão continuada inverteu os papéis e o professor passou a se preocupar com coisas que antes era obrigação dos alunos, como por exemplo, ficar atrás dele para fazer provas, entregar trabalhos, enfim ter uma nota para justificar sua aprovação.

Segundo Freitas (2007), essa modernização conservadora, que não se preocupa com a aprendizagem dos alunos no interior da escola, mas simplesmente com a melhoria de dados quantitativos, acaba provocando uma exclusão por dentro, já que “a liberação do fluxo para reduzir a reprovação, regulariza o tempo de permanência do aluno na escola” e a “mera passagem do tempo não ensina ninguém”. Trata-se, segundo o autor, de políticas de eliminação adiada, pois mesmo “incluídos” no sistema educacional esses alunos, a maioria

das camadas populares, conseguem terminar a educação obrigatória sem as condições mínimas requeridas para sua idade e série.

O SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) é aplicado anualmente desde 1996, ele consiste em uma avaliação externa de desempenho dos alunos do ensino fundamental e médio do Estado de São Paulo, aberta inclusive, às redes municipais e escolas particulares. O intuito dessa avaliação é obter, segundo a Secretaria de Educação, um retrato das escolas paulistas a fim de orientar a tomada de decisões quanto às políticas públicas na educação paulista, subsidiar a gestão educacional e os programas de formação continuada.

Em 2001, a SEE/SP anunciou que os alunos que não atingissem a nota mínima na prova do SARESP seriam reprovados, o que foi visto pelos professores como uma intervenção no seu trabalho, causando um profundo incômodo. Contudo caso o professor discordasse do resultado, teria que justificar cada caso, por meio de uma planilha extensa e minuciosa enviada pela Secretaria da Educação, atestando que o aluno tinha condições de prosseguir nas séries seguintes, apesar da nota obtida. Nas edições seguintes essa prática foi abandonada.

Patto (1996) também conclui em seus estudos que a razão do fracasso escolar é atribuída aos alunos e famílias das classes populares. Já para a autora Luck (2002), somente uma escola bem dirigida e que considera o professor a figura principal, que contribui para o bom rendimento da escola.

De acordo com o Jornal O Estado de São Paulo, os professores têm o salário mais baixo do país, entre todos os profissionais com nível superior. Na última década, a renda média do docente equivalia a 49% do que ganhavam os demais profissionais com nível superior. Os maiores salários pagos para docentes são do Distrito Federal. Para o Ensino Fundamental o valor é de R\$ 3.412,00. Já os menores salários pagos são do Estado da Bahia, cujo valor é de R\$ 1.189,00. No Estado de São Paulo o salário inicial de um docente com carga horária de 40 horas semanais é de R\$ 1.803,92.

Sem salário digno o docente não sente estímulo para se requalificar e buscar novas técnicas pedagógicas, pelo contrário, a categoria é conhecida pelo alto grau de absenteísmo e de afastamento por licenças médicas. Mas não é só aumentando os salários, que a qualidade de ensino vai melhorar, como diz a diretora executiva do Movimento Todos pela Educação: “É preciso melhorar os salários para que os alunos aprendam mais, mas o profissional tem que ser mais cobrado por resultados”.

Já a questão da violência é um problema que vem crescendo muito dentro das escolas públicas. No ano de 2010 cerca de 62% das escolas estaduais de São Paulo registraram diversas situações de violência dentro do ambiente escolar, desde roubos à violências contra professores, alunos e funcionários. Estas violências acabam também por afastar o docente da sala de aula, que muitas vezes agredidos pelos seus alunos, ficam com medo e tiram licença-saúde ou entram com processo de readaptação, como informado por Mandelli (2011). Um caso de grave agressão, onde um aluno chutou a porta da sala de aula por fora, fez com que a professora caísse no chão e algumas cadeiras caíssem em cima dela, levando-a ao hospital desacordada. A professora em questão encontra-se readaptada, auxiliando docentes e discentes na secretaria da escola e diz que não quer mais lecionar.

Para os especialistas em educação, o alto índice de violência deve ser analisado a partir das áreas com maior número de denúncias. “O governo deve verificar os locais de maior incidência”, explica o diretor do Movimento Todos pela Educação. “A violência do entorno normalmente acaba aparecendo dentro da escola, que acaba refletindo o ambiente em que ela está inserida, especialmente em territórios de maior vulnerabilidade social”. É necessária a inserção de políticas públicas, envolvendo outras áreas como saúde e segurança pública para a minimização deste problema.

A falta de infra-estrutura é outro problema que tem afastado os docentes das salas de aula. Muitas escolas, principalmente as concentradas nas regiões mais pobres, não têm rede de esgoto e/ou água encanada. Faltam recursos materiais e pedagógicos para os alunos e professores. Atualmente a Secretaria Estadual de Educação disponibilizou programas voltados à infra-estrutura, atendendo cerca de 2 mil escolas em 2011 através do Plano de Manutenção, mas o problema está longe de acabar, visto que muitas escolas não recebem material suficiente para todos os alunos e professores, o que faz com que os professores tenham que utilizar seu próprio material para prepararem suas aulas.

A diretora de uma escola de São Paulo cobrou R\$ 1,00 dos seus alunos para que fizessem as provas e foi punida por isso, pois segundo o presidente da Associação dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp), os alunos não podem pagar por nada em escolas públicas, mas reiterou que os recursos suficientes precisam chegar às instituições de ensino. “O governo, em vez de assumir isso, criminaliza o profissional da educação. O culpado é o estado, que não passa os recursos necessários”.

3 METODOLOGIA.

O presente estudo de caso investiga a desmotivação dos professores (as) do Ensino Fundamental de São José dos Campos (SP).

O método do Estudo de Caso é considerado um tipo de análise qualitativa (GOODE, 1969) e as pesquisas feitas através deste método tem sido consideradas desviadas de suas disciplinas, talvez porque as investigações que o utilizam possuem precisão, objetividade e rigor insuficientes.

De acordo com BONOMA, 1985, o método do Estudo de Caso tem sido visto como um recurso pedagógico exploratório e não como um método de pesquisa propriamente dito. Mas, apesar das fraquezas e limitações apontadas, o estudo de caso tem tido um uso extensivo na pesquisa social, seja nas disciplinas tradicionais, seja nas disciplinas que possuem uma forte orientação para a prática, além de ser usado para a elaboração de teses e dissertações.

Uma das possíveis causas de este método ser bastante utilizado, segundo YIN (1989) reside no fato de que a afirmação de que este método é o mais fraco dos métodos, pode estar errada uma vez que, por ser utilizado como um método pedagógico, seu projeto, suas limitações e fraquezas não sejam bem conhecidas enquanto método de pesquisa.

Um ponto comum entre vários autores (GOODE, 1969, YIN, 1989, BONOMA, 1985) é a recomendação de grande cuidado ao se planejar a execução do estudo de caso para se fazer frente às críticas tradicionais que são feitas ao método.

A coleta de dados terá como base uma pesquisa qualitativa, onde o pesquisador desenvolve conceitos, idéias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, para comprovar teorias, hipóteses e modelos preconcebidos Reneker (1993). Os questionários serão respondidos por 23 professores (as) da EE. Profº Jorge Barbosa Moreira no município de São José dos Campos - SP, trazendo informações como: condições reais e atuais de trabalho, situações que motivam e desmotivam este profissional e sugestões para melhoria da educação.

Esta escola foi escolhida, pois a autora convive diariamente com os todos os atores envolvidos neste trabalho. A presente escola conta com um corpo docente de 50 professores entre efetivos e contratados. E 930 alunos, distribuídos nos períodos da manhã, tarde e noite.

Para a realização da coleta de dados foi feito, inicialmente, um contato com a diretora da escola e os professores coordenadores do ensino fundamental, expondo a proposta de

trabalho e o questionário a ser respondido pelos professores, para sua autorização prévia (que foi positiva), bem como definição do melhor horário para contato com os professores.

O melhor momento definido foi na reunião de HTPC (horário trabalho pedagógico coletivo). As HTPCs são reuniões semanais obrigatórias, determinadas pela Secretaria da Educação, com duração de duas horas/aulas, que fazem parte da carga horária de trabalho de todos os professores. A reunião dos docentes num mesmo horário favoreceu às ações de apresentação da pesquisa e esclarecimentos necessários, como também o preenchimento dos instrumentos de pesquisa, daqueles que, voluntariamente, se dispuseram a participar.

Feito isto, foi apresentado aos docentes o trabalho a ser realizado juntamente com o questionário que foi respondido pelos professores, desde os que estão começando na profissão até aqueles que já estão em fase de aposentadoria.

4 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os questionários foram recolhidos na reunião de HTPC seguinte ao da apresentação do trabalho proposto e as respostas foram registradas em arquivo eletrônico, para viabilizar o desenvolvimento de análises estatísticas. O tempo gasto para preenchimento do questionário variou de 10 a 20 minutos.

A seguir será apresentado um breve relato da cidade de São José dos Campos e o resultado obtido através dos questionários respondidos pelos professores da E.E. Prof Jorge Barbosa Moreira.

4.1 Tipificação de São José dos Campos (SP).

A cidade de São José dos Campos está localizada no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Tem uma área total de 1.099,6 km², sendo 353,9 km² de área urbana e 745,7 km² de área rural. De acordo com o IBGE, Censo Demográfico de 2010, a cidade tem 629.921 habitantes.



Figura 2 – Localização geográfica do município de São José dos Campos - SP

Fonte: http://juventude.sp.gov.br/portal.php/minha-cidade/reg_saojosedoscampos (2012)

As origens de São José dos Campos remontam ao final do século 16, quando se formou a Aldeia do Rio Comprido, uma fazenda jesuítica que usava a atividade pecuarista para evitar incursões de bandeirantes. Porém, em 10 de setembro de 1611, a lei que

regulamentava os aldeamentos indígenas por parte dos religiosos fez com que os jesuítas fossem expulsos e os aldeãos espalhados.

Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil, e todas as posses da ordem confiscadas por Portugal. Na mesma época, Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, conhecido como Morgado de Mateus, assumiu o governo de São Paulo, com a incumbência de reerguer a capitania.

Em 27 de julho de 1767, a aldeia foi transformada em vila tendo como nome São José do Paraíba. Entretanto, a emancipação política não trouxe grandes benefícios até meados do século 19, quando o município passou a exibir sinais de crescimento econômico, graças à expressiva produção de algodão, exportado para a indústria têxtil inglesa. A partir de 04 de abril de 1871, a cidade passou a se chamar São José dos Campos.

Entre 1935 e 1958, a cidade foi administrada por prefeitos sanitaristas, nomeados pelo governo estadual. A autonomia para eleger o prefeito foi perdida em 1967, durante o regime militar e reconquistada em 1978.

O processo de industrialização de São José dos Campos tomou impulso a partir da instalação, em 1950, do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) – hoje denominado Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) – e inauguração da Via Dutra, em 1951. Nas décadas seguintes, com a consolidação da economia industrial, a cidade apresentou crescimento demográfico expressivo, que também acelerou o processo de urbanização.

Nos anos 90 e início do século XXI, São José dos Campos passou por um importante incremento no setor terciário. A cidade é um centro regional de compras e serviços, com atendimento a aproximadamente 2 milhões de habitantes do Vale do Paraíba e sul de Minas Gerais.



Figura 3 – Cidade de São José dos Campos - SP

Fonte: www.sjc.sp.gov.br (2012)

O empreendedorismo vem sendo aplicado nas escolas públicas municipais de São José dos Campos, como disciplina desde os primeiros anos da alfabetização. Os alunos aprendem na prática com oficinas de trabalho e participam de projetos e feiras. No início de 2003, iniciou-se o Programa Pedagogia Empreendedora que desafia os alunos a aprender a empreender. Alunos dos anos finais do Ensino Fundamental têm na sua carga horária uma disciplina sobre “Profissional do Futuro” que vai ensiná-los a serem empreendedores.

Anualmente a cidade promove a Feira do Jovem Empreendedor Joseense, onde reúne estudantes do Ensino Fundamental, Técnico e Superior, para mostrarem os produtos produzidos nas escolas, durante as aulas de empreendedorismo. Durante a feira eles podem vender tudo o que produziram e até aceitar encomendas para a confecção de novos produtos.



Figura 4 - Feira do Jovem Empreendedor Joseense

Fonte: http://www.guiasjc.com.br/guianossacidade/feira_do_jovem_empreendedor_joseense (2010)

Para o educador Celso Antunes, não existe mal em oferecer atividades curriculares voltadas à formação de empreendedores se a escola, de maneira geral, e o professor, de forma específica, mostrar aos alunos que existe outro lado. “Temos de fazer o estudante compreender o capitalismo com base no que ele tem de bom e de mau”, afirma.

Celso Antunes ainda diz que “é preciso abdicar dos conceitos de competição a qualquer preço, onde se valoriza o esmagamento de valores e sentimentos em nome do sucesso, sendo importante ressaltar a importância da aceitação das diferenças, a compreensão sobre os valores humanos e, com esses temas, criar discussões para que o aluno possa refletir.

Assim, agimos como árbitros imparciais, mostrando que ‘toda moeda possui duas faces’ e que não pode existir conquista sem ética e sucesso individual sem a construção social”.

Segundo o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Privados de Ensino do Paraná (Sinepe-PR), “o empreendedorismo trata-se de uma ciência e, como tal, precisa ser aprendida. A importância dela é saber usar a teoria e adequá-la à realidade. Não existe curso nenhum que dê competência e é aí que entra a escola: ela deve trabalhar o aluno de tal forma que ele se transforme em uma pessoa competente, que vai saber fazer a adequação do empreendedorismo à sua realidade”.

Abaixo estão os dados do rendimento escolar no Ensino Fundamental do município de São José dos Campos, onde é apresentado a taxa de aprovação que está sempre acima dos 90%.

Tabela 1 – Taxas de rendimento do município

| Rede | Taxa de Aprovação do Ensino Fundamental de 8 e 9 anos - Município de São José dos Campos em 2011 | | Taxa de Reprovação do Ensino Fundamental de 8 e 9 anos - Município de São José dos Campos em 2011 | | Taxa de Abandono do Ensino Fundamental de 8 e 9 anos - Município de São José dos Campos em 2011 | |
|-------------------------|--|--------------|---|--------------|---|--------------|
| | 1º ao 5º ano | 6º ao 9º ano | 1º ao 5º ano | 6º ao 9º ano | 1º ao 5º ano | 6º ao 9º ano |
| Municipal Rural | 97,3 | 97,8 | 2,6 | 1,7 | 0,1 | 0,5 |
| Estadual Rural | 97,7 | 91,2 | 2,0 | 7,7 | 0,3 | 1,1 |
| Municipal Urbana | 97,3 | 97,8 | 2,6 | 1,7 | 0,1 | 0,5 |
| Estadual Urbana | 97,8 | 91,1 | 2,0 | 7,8 | 0,2 | 1,1 |

Fonte: <http://www.inep.gov.br> (2012)

Nas tabelas 2 e 3, é possível verificar as metas projetadas para o IDEB, desde o início da aplicação das provas até o ano de 2015 e os resultados já alcançados pelo município de São José dos Campos, onde se pode perceber que os resultados estão em constante crescimento. Isso mostra que apesar de todas as dificuldades encontradas pelos professores dentro das escolas públicas, eles procuram ensinar os seus alunos. As séries avaliadas são os 5º e 9º anos.

Tabela 2 – IDEB – Metas Projetadas em São José dos Campos

| | Metas IDEB | | | | |
|-----------------|------------|------|------|------|------|
| | 2007 | 2009 | 2011 | 2013 | 2015 |
| 4ª série/5º ano | 5,1 | 5,4 | 5,8 | 6,0 | 6,2 |
| 8ª série/9º ano | 4,6 | 4,7 | 5,0 | 5,4 | 5,7 |

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br> (2011)

Tabela 3 – IDEB – Resultados Alcançados em São José dos Campos

| | Resultados IDEB | | | |
|-----------------|-----------------|------|------|------|
| | 2005 | 2007 | 2009 | 2011 |
| 4ª série/5º ano | 5,0 | 5,2 | 5,7 | 5,8 |
| 8ª série/9º ano | 4,5 | 4,6 | 4,8 | 4,9 |

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br> (2011)

A educação básica no Brasil está em constante crescimento, porém ainda está muito abaixo da média dos países desenvolvidos. É importante trabalhar muito para a sua melhoria, para que sejam alcançadas as metas projetadas para que se tenha uma educação básica de qualidade.

De acordo com o IBGE (2011), a relação entre docentes e alunos matriculados nas escolas públicas de São José dos Campos está muito defasada, conforme mostra a tabela 4, onde se verifica que o número de docentes é pouco em relação ao número de alunos matriculados na rede escolar. As salas estão superlotadas e os professores não conseguem dar atenção a todos. É de fundamental importância que sejam contratados mais professores, mas com seus direitos para terem uma profissão digna.

Tabela 4 – Matrículas, Docentes e Rede Escolar – São José dos Campos.

| | Matrículas | Docentes | Escolas |
|-----------------|------------|----------|---------|
| Rede Municipal | 33.012 | 1.185 | 39 |
| Rede Estadual | 40.540 | 1.811 | 81 |
| Rede Particular | 13.932 | 977 | 56 |
| TOTAL | 87.484 | 3.973 | 176 |

Fonte: <http://www.ibge.gov.br> (2011)

4.2 Desmotivação dos professores de São José dos Campos (SP).

A pesquisa foi realizada com 23 professores do Ensino Fundamental da EE. Profº Jorge Barbosa Moreira, no município de São José dos Campos. Desses 23 professores, 1 tem mestrado, 18 tem pós-graduação e 15 são efetivos, 5 são formados em pedagogia e 8 são professores contratados nas categorias F (estável) ou O (sem estabilidade), 18 deles têm entre 10 e 20 anos na profissão e 5 têm entre 2 e 10 anos.

4.2.1 A escolha da profissão.

Analisando os motivos que os levaram à escolha da profissão foi possível constatar que a profissão foi escolhida por amor ao magistério para 79% dos docentes entrevistados, somente 21% dos professores responderam que escolheram esta profissão por falta de opção ou porque era um curso sem custos na época. Alguns professores disseram que gostam de trabalhar com o ensino e que acham muito gratificante, enquanto outros informaram que só estudaram o magistério porque os pais não tinham condições financeiras para outra profissão.

4.2.2 Acúmulo de cargo.

Devido ao salário ser muito baixo, 50% dos professores entrevistados tem acúmulo de cargo com escolas da prefeitura ou possuem outro emprego para complementar a renda no fim do mês. Eles disseram que o salário é muito baixo e precisam de outra fonte de renda para suprir as necessidades.

A baixa remuneração dos professores os tem obrigado a ocupar dois cargos, a dobrar a jornada de trabalho ou ter outras fontes de renda para conseguir sobreviver. Esses fatores acabam afetando a qualidade do ensino.

4.2.3 Felicidade na profissão, sim ou não.

Quando perguntados se estão felizes com a profissão, 52% dos professores disseram estar felizes, mas todos sem exceção estão desmotivados com vários fatores, entre eles as salas superlotadas, os baixos salários e a falta de interesse dos pais. Alguns disseram não estar felizes com o resultado final do rendimento escolar dos alunos devido à progressão continuada.

Uma professora informou sentir-se frustrada ao constatar o desinteresse dos alunos, a falta de participação dos pais na vida escolar das crianças e completou que ensinar quem não quer aprender é muito difícil.

4.2.4 Professores motivados.

Muitos professores ainda acreditam na educação, devido ao amor que nutrem pelo magistério e também por acreditar nos seus poucos alunos que ainda vão para as escolas

porque querem realmente aprender a mudar o seu futuro. Esses dois fatores são o que ainda motivam professores a seguirem por esta profissão, conforme evidencia a tabela abaixo:

Tabela 5 – Fatores que motivam os professores

| Fatores | Percentual |
|--|-------------------|
| Amor ao magistério e emoção de ensinar | 79% |
| Interesse de uma pequena parcela de alunos que quer aprender | 21% |

Fonte: A autora (2012)

4.2.5 Professores desmotivados.

Quando perguntados sobre o que os desmotivam, vários foram os fatores relatados, conforme evidencia a tabela:

Tabela 6 – Fatores que desmotivam os professores

| Fatores | Percentual |
|-----------------------------------|-------------------|
| Baixo salário | 71% |
| Descaso do governo | 70% |
| Falta de interesse dos alunos | 56% |
| Falta de investimento na educação | 54% |
| Falta de acompanhamento familiar | 52% |
| Salas superlotadas | 45% |
| Desvalorização do professor | 42% |

Fonte: A autora (2012)

Os professores com mais experiência no magistério, relataram que, com o passar dos anos, a profissão docente perdeu seu prestígio social. E que se formar professor, na atualidade, não é tão reconhecido como há vinte anos atrás.

O abandono do governo Estadual, a desvalorização do professor, as salas superlotadas, a falta de cursos de capacitação profissional, desinteresse por parte dos alunos em decorrência de uma falta de comprometimento em casa, tudo causa a desmotivação dos professores.



Figura 5 – Sala superlotada - 45 alunos por sala de aula

Fonte: <http://noticias.bol.uol.com.br/educacao/2012/02/01> (2012)

Os fatores que mais se destacam na desmotivação do professor são os baixos salários, seguido da falta de acompanhamento familiar, onde os pais deixam de cobrar dos filhos o compromisso com a educação e dar continuidade com a realização das atividades escolares. Isto ocorre porque os pais, em muitos casos precisam trabalhar, passando a maior parte do tempo fora de casa, ou são em alguns casos omissos, achando que é obrigação da escola educar as crianças e adolescentes.

4.2.6 Treinamentos e qualificações.

Dos professores entrevistados, 65% confirmaram participar de treinamentos oferecidos pelo governo do Estado, quando ministrados no horário de trabalho docente, porém disseram também que não fazem mais cursos, porque muitos não estão condizentes com a realidade em que vivem atualmente.

4.2.7 A educação na atualidade.

Quando questionados sobre o que acham da educação atualmente, vários itens foram levantados, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 7 – Itens levantados pelos docentes sobre a educação atualmente

| Itens | Percentual |
|---|-------------------|
| Os pais transferem seus deveres para a escola, fazendo com que a escola deixe de trabalhar na sua proposta pedagógica. | 35% |
| Os docentes acreditam que podem mudar a educação. | 31% |
| Salários baixos, falta de apoio nas questões disciplinares desmotivam. | 17% |
| A progressão continuada atrapalha o desenvolvimento da educação. | 13% |
| A falta de motivação dos alunos, em virtude de não terem perspectiva de um futuro melhor, acaba por desmotivar os docentes. | 4% |

Fonte: A autora (2012)

No que se refere à colaboração família-escola, os professores apontam uma omissão muito grande por parte de algumas famílias, onde muitos pais transferem a educação dos seus filhos para os professores, fazendo com que esses profissionais deixem de ensinar para dar educação as crianças e jovens.

4.2.8 Melhorias para uma educação de qualidade.

Para os docentes, muitas coisas precisam ser melhoradas para termos uma educação pública de qualidade, onde todos possam estar satisfeitos e motivados dentro das salas de aula.

Tem havido muita cobrança por parte do governo para uma educação de qualidade, a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso escolar tem sido atribuída ao professor, porém ele não cria as condições necessárias para que a educação melhore.

Os docentes citaram vários itens que precisam ser melhorados na educação pública:

Tabela 8 – O que precisa ser melhorado na educação, na visão dos docentes.

| Itens | Percentual |
|--|-------------------|
| Melhores salários | 47% |
| Disponibilizar recursos tecnológicos | 39% |
| Salas com menos alunos | 30% |
| Participação dos pais na vida escolar dos filhos | 26% |
| Acabar com a progressão continuada | 17% |
| Mais incentivo aos professores | 17% |
| Reconhecimento por parte da sociedade e do governo | 13% |

Fonte: A autora (2012)

Os professores relataram que é necessária a colaboração entre pais e escola. É de fundamental importância que escola e família trabalhem em conjunto mais ativamente na educação dos jovens incentivando-os a estudarem em casa e oferecendo suporte nos

momentos extra-classe. Não é possível que a educação dos estudantes fique entregue somente aos professores.

4.2.9 Relação com os alunos.

No geral, todos responderam que tem uma boa relação com os alunos, mas ainda acham que falta comprometimento dos pais e alunos com a educação. Um professor respondeu que procura ser enérgico para garantir a disciplina e conseguir cumprir o seu papel e educador.

Outro professor disse que procura se colocar no lugar do aluno para entendê-lo e saber lidar com a situação.

4.2.10 Programa Bolsa Família.

Com relação ao Programa Bolsa Família (PBF), os docentes responderam que só a frequência do aluno na escola não deveria ser uma das variáveis para o seu recebimento, pois com isso, muitos alunos só vão para a escola, por precisarem desta frequência. Eles citaram que esta variável deveria estar ligada ao rendimento e ao comportamento do aluno e também acompanhamento e participação dos pais.

Alguns professores acham que este Programa é uma forma de o governo enganar o povo, dizendo que tem uma ajuda de custo e o valor é uma vergonha. Outros acham um excelente programa e que ele garante a permanência de alunos na escola, porém precisa melhorar e exigir melhor desempenho dos alunos.

Todos foram unânimes ao dizer que, muito se cobra dos professores e pouco da família, e a frequência acaba sendo substituída pelos atestados médicos.

4.3 Sugestões para motivação dos professores(as) do Ensino fundamental.

Os baixos salários são sem dúvida, o maior fator desmotivante para os professores que atuam na rede pública estadual. Esta profissão é a única no Brasil que precisa passar por uma avaliação anual para ter aumento, sendo que apenas os 20% que obtiveram as melhores notas conseguem o aumento.

Junto a isto vemos a violência que cresce a cada dia dentro das escolas, principalmente nas escolas das periferias, e que acaba por afastar um bom professor da sala de aula.

A falta de interesse dos próprios alunos e dos seus pais também faz com que os professores fiquem desmotivados, pois chegam nas escolas superlotadas e sabem que vão ter que lidar com alunos difíceis e desinteressados, que muitas vezes nem sabem porque estão ali.

É preciso envolver urgentemente toda a sociedade e a comunidade escolar, para que os problemas de aprendizagem sejam sanados, junto a isto é importante que o governo comece a investir desde a educação infantil, trabalhando em conjunto com a família, estimulando o cérebro das crianças desde a infância.

Pesquisas (CORAGGIO, 2001; CORREA, 2007) revelam que os Estados e municípios que adotaram e/ou adotam em suas políticas educacionais projetos e programas que discutem o desenvolvimento local concluíram que a qualidade da educação e de vida melhorou na comunidade onde os alunos estão inseridos. Para que isto aconteça, é necessário que o governo ou instituição responsável ofereça um ambiente propício e condições materiais adequadas para este tipo de trabalho.

É de fundamental importância que os órgãos públicos se unam – educação, esporte, cultura e segurança – para trabalharem em conjunto com a sociedade, aplicando políticas públicas de qualidade, voltadas às escolas públicas, procurando qualificar os professores, fazendo com que eles se atualizem quanto a nossa atual realidade e possam trabalhar com esses alunos buscando o interesse para um futuro melhor.

É preciso que o governo faça parcerias com empresas e prefeituras para se ter uma educação de qualidade, buscando sempre preparar os jovens para viver a atual realidade.

Um exemplo de parceria vem do Governo do Pará, que criou as Unidades Seduc nas escolas (USEs) – braços da Secretaria da Educação – instalados em unidades pólos e que prestam atendimento a outras 20 instituições da região. Essas USEs contrataram coordenadores pedagógicos e técnicos em Educação, responsáveis pela supervisão pedagógica, além de profissionais da área administrativa, que dão suporte às questões relacionadas à gestão de materiais, suprimentos, infra-estrutura, etc.

A diretora da EEEF. Profº João Renato Franco, conta que essa Unidade agilizou a construção da quadra de esportes para as aulas de Educação Física, o que antes demoraria muito tempo, devido aos processos lentos.

Um outro exemplo para se tomar como experiência é com relação ao país de Cuba, que mesmo tendo a sua renda per capita menor que a brasileira, tem a menor taxa de

analfabetismo. O país consegue manter uma educação de muita qualidade e gratuita até a faculdade para todos os jovens, sendo obrigatória pelo menos nos 9 anos da educação básica. A lei cubana pune os pais em caso de falta, portanto o absentéismo é quase nulo e os professores são muito motivados. Como isso é possível?

Boas escolas de formação de professores, garantia de que os alunos são saudáveis e estão bem alimentados e o sistema de supervisão dos professores voltados para a melhoria do ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com o objetivo de melhorar a qualidade da educação, a aprovação da LDB em 1996, implementou várias propostas, entre elas, financiamento de programas de avaliação educacional e políticas de formação de professores.

A educação sofreu fortes mudanças durante o longo dos anos, desde a sua criação em 1549 até os dias atuais, e teoricamente as mudanças foram para uma melhor educação pública, de acesso de todos. Mas o que é possível notar atualmente é que muito se tem cobrado dos professores e pouco da família.

Hoje, as escolas públicas estão superlotadas e com déficit de professores, pois a desvalorização deste profissional tem os afastado das escolas. O que se vê são cursos de Pedagogia sendo fechados por não ter público suficiente para a sua manutenção.

Os professores são muito cobrados pela melhoria da educação, mas devido a vários fatores externos à escola, o trabalho docente têm sido influenciado de forma negativa. As condições de trabalho proporcionadas não correspondem às necessidades da escola para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade. O que se tem visto nas escolas públicas são alunos que frequentam somente para ter a sua frequência computada e com isso, terem direito a um benefício disponibilizado pelo Governo Federal, como por exemplo o Programa Bolsa Família.

Muitos professores são cobrados pela frequência do aluno, que muitas vezes nem estão dentro das salas de aula, mas muito pouco se cobra das famílias pelo real interesse por parte deste aluno em aprender e buscar ter um futuro melhor.

Exige-se dos docentes, atualização, disposição e adaptação para se adequarem às mudanças, mas a formação inicial não os prepara significativamente para os desafios do trabalho docente.

A falta de reconhecimento da sociedade e o sentimento de desvalorização, têm sido constatado em outras pesquisas, a exemplo do estudo realizado por Campos (2008) que investigou as opiniões de professores brasileiros sobre questões concernentes à qualidade da educação básica no país. O governo deve ter em conta os desajustes que ainda subsistem na organização do ensino, dentre eles: o desprestígio social da profissão docente, as deficiências de infra-estrutura das escolas, a necessidade de aproximar as propostas pedagógicas às necessidades e interesses dos alunos, bem como uma maior aproximação entre escola e famílias.

O descaso do governo com este profissional também é um motivo que leva ao afastamento das salas de aula, seja através de atestados médicos ou readaptações. O profissional está descontente com a sua profissão e espera que medidas sejam tomadas para que se possa ter uma educação básica de qualidade, onde o aluno possa realmente aprender. E todos possam se sentir motivados a um novo aprendizado.

Muitos foram os motivos elencados pelos professores durante a aplicação dos questionários sobre a desmotivação em sala de aula, eles relataram além dos salários baixos, as salas superlotadas, a falta de interesse dos pais e dos próprios alunos. E sobre o que esperam da educação num futuro próximo, um interesse maior por parte do governo e dos políticos para a educação das crianças e jovens.

Claro que essa mudança precisa acontecer englobando algumas áreas da sociedade, como segurança, cultura e lazer, educação e habitação. Uma criança que mora num ambiente tranquilo, sadio e seguro, com certeza terá mais prazer em estar dentro de uma escola para aprender. Se os pais não tem moradia, emprego, esta criança vai conviver com a insegurança, muitas vezes indo buscar abrigo nos piores lugares onde aparentemente serão bem recebidas, as drogas.

O governo precisa fazer um trabalho social juntamente com as escolas e a sociedade, para que todos saibam qual é o seu papel na educação de uma criança, pois o que se tem visto são pais que não tem tempo para seus filhos, ou por precisarem trabalhar ou por não acharem que é necessário, e transferir suas obrigações para as escolas. Sobrecarregando assim, os professores e funcionários, que deixam de fazer o seu papel de ensinar a criança a ler e escrever para ensiná-los a viver em sociedade.

Uma sugestão de tema para um trabalho futuro seria sobre as reais melhorias que deveriam estar acontecendo na educação pública e que por algum motivo não estão, dificultando o aprendizado e o interesse dos alunos e professores.

REFERÊNCIAS.

- ANDRADE, Cleudane; RAITZ, Tânia Regina. **As possíveis razões do sucesso escolar em duas escolas públicas.** IX AnpedSul 2012. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1595/13>. Acesso em 16/10/2012.
- ARROYO, M. **Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica.** In: ABRAMOWICS, A.E Moll, J. (org) Para além do Fracasso Escolar. Campinas, Ed. Papirus, 2004, 3ª edição.
- BARRETO, A. L. **Análise da proposta Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).** Revista de Educação – AEC. Ano 25, abr/jun, 1996.
- BONOMA, Thomas V. - **Case Research in Marketing: Opportunities, Problems, and Process.** Journal of Marketing Research, Vol XXII, May 1985.
- BZUNECK, José Aloyseo. **As crenças de auto-eficácia do professor.** In: SISTO, F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. D. (org.) Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BZUNECK, José Aloyseo. **Crenças de auto-eficácia de professores do 1º Grau e sua relação com outras variáveis de predição e de contexto.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, 1996.
- CAMPOS, Maria Malta. **A qualidade da educação sob o olhar dos professores.** São Paulo: OEI, 2008.
- CECCON, C. Oliveira, M. & OLIVEIRA, R. **A vida na escola e a escola da vida.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática.** Campinas: Papirus, 1999.
- CZEKSTER, Michele D. V. **Sufrimento e Prazer no Trabalho Docente em Escola Pública.** Porto Alegre, 2007.
- DECI, E. L., RYAN, R. M. **The “what” and “why” of Goal Pursuits: Human needs and the self-determination of behavior.** Psychological Inquiry, 2000.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente.** A sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.
- FITA, E. C. **O professor e a motivação dos alunos.** In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GOODE, W. J. & HATT, P. K. - **Métodos em Pesquisa Social**. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

HAMZE, Amélia. **A Profissão de ser Professor**. 2012. Disponível em <http://jorgecruz.dihitt.com.br/noticia/a-profissao-de-ser-professor-a-arte-de-ensinar-e-uma-tarefa-dificil-demais-para-que-alguem-se-envolva-nela-por-comodismo>. Acesso em 14/08/2012.

HOY, Anita W.; DAVIS, Heather A. **Teacher self-efficacy and its influence on the achievement of adolescents**. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (eds.) *Self-Efficacy beliefs of adolescents*. Greenwich: Information Age, 2006.

HUERTAS, J. A. **Motivación: querer e aprender**. Buenos Aires: Aique, 2001.

JESUS, Saul Nunes de. **Desmotivação e crise de identidade na profissão docente**. KATÁLYSIS, v. 7, n. 2, 2004. Disponível em http://didnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2926117&orden=0. Acesso em 10/09/2012.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2008. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.

LUCK, Heloisa. **Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional**. 19ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MANDELLI, Mariana. **Violência nas escolas estaduais de São Paulo**. *Jornal O Estado de São Paulo*. Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/jt-seguranca/violencia-nas-escolas-estaduais-de-sao-paulo/>. Acesso em 22/10/2012.

MEIRIEU, Philippe; tradução Fátima Murad. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MOTTA, F. C. P. **Organização e poder: empresa, Estado e escola**. São Paulo: Atlas, 1986.

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar: Introdução crítica**. 9 ed. São Paulo, Cortez, 1999.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRAXEDES, A. P. P., ALMEIDA, C. S., SANTOS, J. B., LEITE, L. S. S. **A desmotivação docente em escolas da rede pública do município de Teotônio Vilela-AL**. Disponível em <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/A-DESMOTIVACAO-DOCENTE-EM-ESCOLAS-DA-REDE-PUBLICA-DO-MUNICIPIO-DE-TEOTONIO-VILELA-AL.pdf>.

PRETTO, Nelson de Luca. **Educação e Inovação Tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras**. FAGED/UFBA, 1997. Disponível em <http://www2.ufba.br/~pretto/textos/rbe11.htm>. Acesso em 16/10/2012.

RYAN, R. M., LA GUARDIA, J. G. **Achievement motivation within a pressured society.** Intrinsic and extrinsic motivations to learn and the politics of school reform. In: M. Maehr and P. R. Pintrich (Eds.) *Advances in motivation and achievement*, v. 11, 2004.

TAPIA, J. A. **Contexto, motivação e aprendizagem.** In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.* 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

TSCHANNEN-MORAN, Megan, WOOLFOLK HOY, Anita. HOY, Wayne R. **Teacher efficacy:** its meaning and measure. *Review of Educational Research*, v. 68, n. 2, 1998.

YIN, Robert K. **Case Study Research - Design and Methods.** Sage Publications Inc., USA, 1989.

APÊNDICE.**ADENDO A – Questionário destinado aos professores efetivos e contratados do Ensino Fundamental da E.E. Profº Jorge Barbosa Moreira, no município de São José dos Campos - SP.**

1) Você é professor: () Efetivo () Categoria P, N ou F Estável () Contratado

2) Porque escolheu esta profissão?

3) Você acumula cargo/função com a Rede Municipal de Ensino ou tem outro emprego? Por quê?

4) Você está feliz com a sua profissão? Justifique.

5) O que te motiva a ser professor?

6) E o que te desmotiva?

7) Você participa de treinamentos e/ou qualificações fornecidas pelo Governo do Estado ou Parcerias? Quais?

8) O que você acha da educação atualmente?

9) O que você acha que deve ser melhorado na educação?

10) Como é a sua relação com o aluno, em geral, dentro da sala de aula?

11) Qual a sua opinião sobre o Programa Bolsa Família, que tem como uma das variáveis para o seu recebimento, a frequência do aluno na escola?
